

OSMAN LINS: DO CAOS AO COSMOS

Lauro de Oliveira



Escrevo para captar o vivido e o por viver; e escrevo ficção porque este é o caminho ao mesmo tempo acessível às minhas faculdades e adequado às minhas ambições de sondagem no mistério que me envolve.

Osman Lins

Osman dizia que *Avalovara* lhe tinha custado o sangue e os ossos. É o romance de sua plenitude criadora, iniciada com *Nove, novena*, quando ele realmente, depois de muito amadurecimento, decidiu inovar. *Avalovara* se constitui um marco na literatura brasileira contemporânea. O autor conseguiu aliar o rigor da construção literária minuciosamente planejada e elaborada a uma prosa poética, que transforma em deleite a leitura do livro.

A técnica dos retábulos, oriunda de *Nove, novena*, está presente, de modo mais requintado, em *Avalovara*. O modelo narrativo é inspirado numa espiral, que representa a ideia do infinito e, ao mesmo tempo, simboliza um movimento cadenciado de idas e vindas, representativo da própria vida. Dentro da circular está inscrito um quadrado, para delimitar e permitir a construção do romance. O conceito de limitação, tão caro a Osman, torna-se aí um elemento essencial para criar o espaço próprio ao desenvolvimento da narrativa. Os dois símbolos representam o esforço de Osman em conciliar o genérico e o particular, o imanente e o transcendente, o caos e o cosmo. O leitor é sempre invadido por dois sentimentos, aparentemente contraditórios: o do universo, representado pela espiral, e do particular, simbolizado pelo quadrado, dentro do qual está inscrita a frase palindrômica: *SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS* que pode ser traduzida de duas maneiras: *O lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos* ou *O Lavrador sustém cuidadosamente o mundo em sua órbita*. A imagem do cosmo é apresentada como uma imensa planície eternamente cultivada por Ser Superior, abrindo sulcos na terra com sua charrua e fazendo surgir as coisas criadas: homens, animais, plantas etc. Para Osman, a imagem prefigura também o escritor que:

entregue à obrigação de provocar, com zelo, nos sulcos das linhas, o nascimento de um livro, durável ou de vida breve, de qualquer modo exposto – como a relva e os reinos – aos mesmos cavalos galopantes. Apesar desta certeza, desta ameaça, nenhum descuido é aceito. Sustém-se, com zelo e constância, a charrua no seu rumo. (Lins, *Avalovara*, p. 72)

A figura do romance e do romancista é sempre recorrente em *Avalovara*, que Osman definia como uma alegoria da própria ficção. Daí as correlações entre o romance e o ensaio *Guerra sem testemunhas*. Nesse ensaio Osman procura discutir racionalmente o ofício de escrever, as relações do escritor com a sociedade, com os leitores e com os editores. Outro é o enfoque do romance, onde a arte de narrar e a ambiguidade

da palavra ocupam lugares privilegiados e são tratados na linguagem própria do romance. O estilo de Osman no livro é sempre, para usar sua própria definição, *de bordejo* e jamais *cursivo* como no ensaio. Sempre houve em Osman a paixão pelo romance, para ele o instrumento ideal de penetração dos mistérios do mundo. Em *Avalovara*, de modo muito especial, ele procura avançar em seus questionamentos, como homem e como escritor.

Além do tema da palavra e do romance, Osman se preocupa com o amor humano. Abel, o personagem principal, se relaciona com três mulheres, em momentos e circunstâncias diferentes de sua vida. Na Europa, com Anneliese Roos, pássaro esquivo e fugidio, até certo ponto desdenhosa por não desejar aprofundar um relacionamento com um brasileiro, na sua concepção sobre um ser rústico e inculto, oriundo de um país colonizado. Essa mulher simboliza, sem dúvida, o choque da cultura europeia com a latina, tida como subsidiária e inferior. A segunda mulher, Cecília, é uma pernambucana inquieta com os problemas sociais de sua região, andrógina, não muito resolvida em seus conflitos interiores. O que representa o androginito de Cecília? O tema da dualidade perpassa todo o romance. A inominada, a terceira e definitiva mulher da vida de Abel, nasce duas vezes, tem duas idades e os órgãos duplicados. A interpretação dessa dualidade nas mulheres significa uma correta definição do ser humano, ao mesmo tempo, masculino e feminino. O duplo nascimento da inominada pode representar o eterno conflito da alma feminina: culturalmente construída como inferior e submissa ao homem.

Cecília desperta em Abel a sua consciência social e a realização de seu projeto como macho. Ama-a profundamente e sofre como um louco quando a vê morta em desastre pouco esclarecido. O encontro de Abel com a terceira mulher ocorre em São Paulo. É uma figura enigmática, sem nome, representada por um símbolo, que funde as duas personalidades femininas anteriores.

O amor humano constitui uma das preocupações de Osman no seu romance. A relação homem/mulher envolta em espiritualidade, como conceituada nas religiões orientais. O amor humano visto em seu sentido cósmico, como uma forma de mediar o homem e o universo. Falando de *Avalovara* em entrevista a Esdras do Nascimento, diz Osman:

Outro afluente importante na gênese da obra era o amor humano. As sugestões simbólicas do corpo e o sentido cósmico da união carnal, como se sabe, atraem o homem desde os tempos mais remotos. (Lins, *Evangelho na taba*, p. 175)

Em nenhum dos seus romances, o amor humano é banalizado no seu aspecto puramente carnal. Também nesse aspecto, Osman ocupa uma posição isolada e se distancia de muitas correntes do romance contemporâneo, onde o relacionamento homem/mulher é visto sob o prisma do androcentrismo. Em sua fragilidade, a união homem/mulher é uma forma de encontrar o uno. A terceira mulher na vida de Abel forma com ele uma unidade, precária, mas cheia de significados:

Chegamos, eu e , através do mundo (erradios, os nossos passos?), a este ponto de intersecção e aqui não há desordem. Estamos numa esfera de milagres, onde os fragmentos se ajustam e refaz-se o uno. Nosso espanto é justo e legítima nossa ebriez. Este frágil equilíbrio: lápis com a ponta sobre uma base plana, o eixo de gravidade, mais delgado que um fio de cabelo, descendo ao longo da grafite e incidindo sobre a exígua base. (Lins, *Avalovara*, p. 108)

A união do casal leva ao conhecimento do mundo. Abel, um homem questionador e inquieto, que busca paz, transcendência e unidade, aquietase no seio da mulher que ama. Seu corpo, para ele, é cheio de significações e comparável à tradição milenar do disco de Fêsto e outros objetos cilíndricos, onde, na antiguidade, se registravam feitos heróicos ou religiosos, na busca de perpetuar o efêmero.

Evoca o corpo de  esse artefato irradiante. Nele, sem que eu realmente possa saber como, capto um vozerio difuso; e a significação do vozerio ultrapassa a de um discurso, consistindo numa espécie de entrelaçamento próximo do caos. Domina-me a convicção de que, no centro do seu corpo, imagem de uma escrita esquecida – esta, por sua vez, imagem do mundo e da sua contemplação –, pode-se entrever, entrever apenas, um nexos possível, sem leis e ainda remoto. (Lins, *Avalovara*, p. 326)

Há toda uma análise a fazer, literária ou transliterária, sobre a presença do feminino na obra de Osman. O fato de não ter conhecido sua mãe foi talvez determinante de sua vocação literária, como ele próprio explica, referindo-se ao primeiro casamento de seu pai:

Esse homem desposou uma mulher que não cheguei a conhecer e que veio ao mundo, parece, como o único encargo de ser minha mãe. Cumprida essa tarefa, morreu, um ano depois de casada. Coisa estúpida. Sempre achei que isso me dava uma espécie de responsabilidade. Morreu aquela garota para que eu nascesse. Não podia fazer de minha vida uma trouxa, um papel servido, jogá-la por aí... Nunca vi um retrato seu – ela não gostava de fotografias, embora conste que fosse bonita. Parece que o fato me marcou. (LINS, citado por STEEN, Edla Van. *Viver e escrever*. Porto Alegre, 1981, p. 69)

A doutora em Letras Ermelinda Ferreira diz que Osman teve o dom de preencher o vazio da mãe, nunca vista, numa prosa cheia de significação literária e poética:

Na sua tentativa de preencher o vazio de um rosto nunca visto, o silêncio de uma voz primeva nunca escutada, o calor de um regaço nunca sentido, Lins acaba por encontrar uma escrita ornamental, cálida, cromática, musical, uma escrita da morte e do amor, *má e terna – materna* - com a qual descreve e na qual inscreve os seus múltiplos retratos de mulheres. (Ferreira, *Cabeças compostas*)

Em geral, as mulheres que aparecem na ficção de Osman têm uma dimensão espiritual e ética e não agem como seres anódinos e sem vida própria. Joana Carolina, por exemplo, (“Retábulo de santa Joana Carolina”, em *Nove, novena*) é uma mulher-símbolo de força interior, de retidão moral a toda prova e de comportamento que poderíamos classificar de heroico. A família onde Osman foi educado, típica do interior, erguida na pobreza e na dignidade, está presente em todas as suas obras.

Não há em *Avalovara* uma narrativa linear. O livro pode ser lido de várias maneiras: em capítulos, tema por tema, seguindo as letras do quadrado palindrômico ou intercaladamente, ao sabor do movimento oscilatório da espiral, que, ao lado do quadrado, constitui o símbolo básico da construção romanesca. O leitor comum, habituado à linearidade das narrativas, pode encontrar dificuldades e achar o livro hermético. No entanto, o esforço de compreensão é altamente compensado pela riqueza que a obra oferece, pela revelação de mistérios e pelo teor de transcendência.

Ao escrever *Avalovara*, Osman vivia um momento de plenitude e inquietação intelectual que, de certa maneira, está presente na personalidade de Abel. Por que o nome Abel? Trata-se de um nome bíblico. Caim e

Abel foram filhos de Eva. Ambos viviam no campo. Abel era pastor de ovelhas. Caim cultivava o campo e se sentiu preterido quando Deus recusou suas ofertas e preferiu as de Abel. Irritado, tomado pela inveja, Caim mata Abel. Do relato bíblico pode-se deduzir que Abel era o preferido de Deus. Seu nome, pois, possui uma ressonância sagrada.

No livro a personalidade de Abel se caracteriza como a de um homem inquieto, questionador, em busca de alguma coisa, que ele próprio não sabe definir. Até que ponto, sua história é a biografia de Osman? O escritor negou que seu romance fosse autobiográfico (LINS, em entrevista a Esdras Nascimento. *Evangelho na taba*, 1979, p.179), mas reconheceu que Abel poderia ser considerado, como disse o crítico Wayne C. Booth, um personagem merecedor de confiança. Quais os traços coincidentes na personalidade dos dois? Em primeiro lugar, a preocupação com a arte de narrar. Abel também escreve um romance - *A viagem e o rio* - (título, aliás, muito emblemático por indicar a constante mutação das coisas e sua difícil apreensão) e se preocupa com a narrativa, como um instrumento de captar os mistérios do mundo. “Ele expressa” - diz Osman - “a minha aventura pessoal em face do mundo da escrita e do ato de narrar”. Há em Abel, como em Osman, uma busca incessante da unidade, de encontrar o equilíbrio entre a geometria e a desordem.

Abel e Osman ainda se identificam pela força da reunificação em suas personalidades do apolíneo com o dionísio. A partir desses dois elementos, enfrentavam a ventura (e aventura) de viver. Tornavam-se decifradores de enigmas. E saíam à procura do transcendente num mundo de imanências. Em ambos havia ainda uma profunda inquietação frente aos problemas sociais. Achavam que todo espiritual é carnal, como afirmava Péguy, e que o espírito não poderia sobrepor-se ao corpo. Como diz Osman Lins em *Avalovara*: “Pode o espírito a tudo sobrepor-se? Posso manter-me limpo, não infeccionado, dentro das tripas do cão.

Acho que seria temerário classificar *Avalovara* como um livro de realismo fantástico. Pode-se assinalar muita coisa fantástica, como o próprio Osman reconhecia. Mas, para ele deveria haver sempre uma compensação através da presença de elementos do cotidiano. Sob esse aspecto, é válido dizer que *Avalovara* é um livro onde se misturam o mítico e o religioso, o fantástico e o real, a fantasia e o imaginário popular, o histórico e o autobiográfico. E mais; onde o autor revela uma consciência social aguda, sempre presente a todos os problemas da sociedade brasileira em geral.

Caberia aqui estabelecer um paralelo entre a criação romanesca de Osman e a poética de João Cabral de Melo Neto. Ambos procuraram criar com precisão geométrica, de modo a evitar o derramamento das emoções,

a adjetivação desnecessária. Jamais abdicaram da lucidez, da escolha da expressão adequada. Cada palavra no seu lugar, devidamente domada, utilizada para penetrar o mistério oculto das coisas.

Empenho-me na conquista de uma afinação poética entre a expressão e faces do real que permanecem como que selvagens, abrigadas – pela sua índole secreta – da linguagem e assim do conhecimento. (Lins, *Avalovara*, p. 223)

Em seu poema *Alguns toureiros*, João Cabral de Melo Neto (*Poesias completas*, p. 259) escreveu:

sim, eu vi Manuel Rodrigues
Manolete, o mais asceta,
não só cultivar sua flor
mas demonstrar aos poetas:
como domar a explosão
com mão serena e contida,
sem deixar que se derrame
a flor que traz escondida,
e como, então, trabalhá-la
com mão certa, pouca e extrema
sem perfumar sua flor,
nem poetizar seu poema.

Ambos os escritores são como geômetras, na busca da palavra certa e adequada. Cabral (*Poesias completas*, p. 351) mostra inquietação quando escreve:

A noite inteira o poeta
em sua mesa, tentando
salvar da morte os monstros
germinados em seu tinteiro.

Enquanto Osman (*Avalovara*, p. 211) deseja:

jogar umas palavras contra outras, exercer sobre elas uma espécie de atrito, fustigando-as até que elas desprendam chispas; até que saltem, dentre as palavras, demônios inesperados.

Ambos os escritores são admiradores de Paul Valéry a quem Osman cita em seu ensaio. Ao poeta francês, João Cabral dedicou um poema, onde exalta sua tranquilidade e o gosto da concisão:

Doce tranquilidade
de não-fazer; paz,
equilíbrio perfeito
do apetite de menos.

Em Osman e em Cabral coexistiam a ânsia de contornar o conflito entre o rigor da precisão e o aleatório da vida. A metáfora desse problema está muito bem apresentada por Osman (*Avalovara*, p. 347), no capítulo “O relógio de Julius Heckethorn”, de *Avalovara*:

o relógio de Julius Heckethorn, ou melhor, seus aprestos de som, obedecem a um esquema rigoroso. Sobre este rigor, assenta a idéia de uma ordem no mundo. Como introduzir, então, na obra, o princípio de imprevisão e de aleatório, inerente à vida?

Havia também diferenças entre os dois escritores. Cabral era um escritor apolíneo, amargo, seco, irritadiço, fechado em si mesmo. Osman era dionisíaco, severo com a escrita, mas livre, comunicativo. Cabral construía seus poemas em centro cirúrgico, com todos os cuidados assépticos, receoso de contaminações. Osman escrevia a céu aberto, no solo urbano, vivendo as tensões do dia a dia, na luta entre luz e trevas.

Para Osman, o escritor era sempre uma pessoa voltada para os problemas do seu tempo, nunca um alienado, um ser *au-dessous de la mêlée*. Aliás, a personagem Rosa, que aparece em seu primeiro romance *O visitante*, a quem é dedicado o livro, é um indicativo claro – inconsciente ainda, talvez – de que o romancista estaria sempre envolvido com os conflitos sociais.

Há veemência em Osman toda vez que, em *Avalovara*, menciona os problemas vividos pelo nosso povo ou entranhados em nossa sociedade por conta de elites insensíveis e dominadoras: “Não compreendo e recuso-me a entender os que são meus inimigos. Para mim, nunca têm razão: eu

não os justifico”. Tomado de raiva, não admitia qualquer cumplicidade com as classes dominantes: “Armistício algum, aqui, com as iniquidades que o meu olho constantemente acusa. Insubmisso e colérico, sem que a cólera me envenene ou deprede”.

Poucos escritores cultivaram a ordem com o desvelo de Osman, que chegou, na sua paixão pelo romance, a defini-lo como a passagem do caos para o cosmo, da desordem para a ordem. No entanto, ele sabia distinguir dois tipos de *ordem*. A ordem social, criada, imposta e venerada pelas elites, tinha nele um crítico arguto e feroz: “O modo exasperado e ostensivo como a opressão venera a Ordem, faz-me supor que disfarça uma filiação ao Caos”. A outra ordem, o Cosmos, ele a perseguiu com denodo, certo de que o destino do homem e sua passagem pela terra estavam subordinados a valores que existiam fora e acima dele. A literatura foi seu instrumento de trabalho para chegar a esse fim último.

